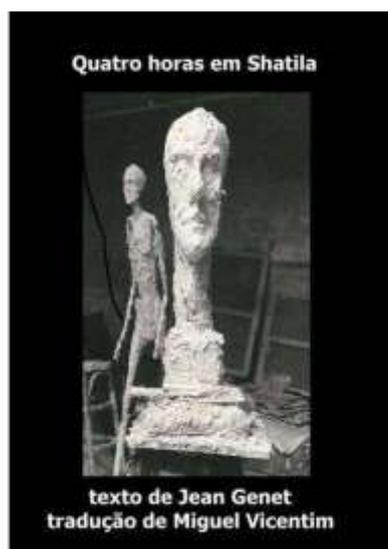


## Indicação de leitura – Quatro horas em Shatila

Ana Lúcia Pereira da Silva<sup>1</sup>

*“Para mim, como para o que restou da população, caminhar através de Shatila e Sabra se assemelhava a um jogo de amarelinha. Algumas vezes uma criança morta bloqueava as ruas: elas eram tão pequenas, tão magras, e os mortos tão numerosos.”*

Jean Genet (p. 107)



São Paulo: Clube de Autores, 2016

É notório que em qualquer guerra os que mais padecem são os civis e, especialmente as crianças, mulheres e idosos. Muitos abandonam suas casas e têm que ir para outras terras, se amontoarem em campos de refugiados ou imigrar, serem subjugados e se submeterem a condições discriminatórias, na tentativa desesperada por um futuro melhor.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela FFLCHUSP, Departamento de Letras Orientais. Professora da EMEFM Vereador Antonio Sampaio – prefeitura de São Paulo.

Neste século, o mundo se depara com o conflito na Síria, cujas maiores vítimas são as crianças que têm seus direitos violados: estão sujeitas a viverem sob escombros, sem água, luz, saúde, educação ou qualquer meio digno de sobrevivência. Outras padecem pela perda de seus pais em uma guerra que entrou no seu sétimo ano no dia quinze de março, sem perspectivas de término. Muitas são brutalmente mortas e as que sobrevivem terão que enfrentar as sequelas psicológicas que carregarão pelo resto de suas vidas.

De acordo com a UNICEF, o nível de sofrimento que assola as crianças sírias não tem precedentes: milhões delas estão permanentemente sob ameaça de ataques, são recrutadas para irem à frente de combate ainda em tenra idade, são assassinadas covardemente pelo Estado Islâmico, que domina vastas áreas da Síria e do Iraque, ou terão que conviver com mutilações e danos psíquicos irreparáveis.

Jean Genet (1910-1986) escritor, poeta e dramaturgo francês sempre controverso, revolucionário, instigante em suas obras, uma vez mais surpreende com o ensaio atual **Quatro horas em Shatila** que retrata o genocídio de refugiados civis palestinos e libaneses em Sabra e Shatila, cujos campos ficavam situados na periferia sul de Beirute, no período de 16 e 18 de setembro de 1982. Tal ação ocorreu pela milícia maronita, chefiada por Elie Hobeika, em retaliação ao assassinato do presidente eleito e líder falangista<sup>i</sup>, Bachir Gemayel.

Não se sabe o número exato de mortos nessa ação islamofóbica. A estimativa é que aproximadamente 3.500 pessoas, na maioria crianças, mulheres e idosos, foram mortos pelos falangistas.

O texto em questão, traduzido pelo professor de história Miguel Vicentim, é um relato das impressões do autor em sua visita de quatro horas de duração a Shatila, logo após o ocorrido. Genet traz à tona o universo de perversidade acometido a uma população desarmada, indefesa. Ele caminha pelos locais onde ocorreu o massacre e descreve com minúcias tanto a formação geográfica dos campos palestinos quanto o universo de horror que tal ação trouxe aos quilômetros e quilômetros de becos e ruas estreitas:

... uma fotografia não mostra as moscas nem o cheiro branco e denso da morte. Nem mesmo mostra como se deve saltar sobre os cadáveres enquanto você caminha entre um corpo e outro. (GENET,p.109)

O ensaio denuncia a inércia dos soldados israelenses, tanto soldados quanto oficiais, baseados próximos aos campos atacados, que afirmam que não ouviram nada, sem contar com o silêncio da comunidade internacional. O jornalista brasileiro Alessandro Porro, valida veementemente a narrativa do ensaio:

A revista Veja tinha, então, como seu correspondente no Líbano o repórter Alessandro Porro, judeu que procurou desmentir a alegação de que o exército de Israel não percebera a ocorrência do massacre era uma falácia, chegando mesmo a contar quantos passos havia entre os campos e o quartel israelense, no que foi considerado um furo jornalístico.<sup>ii</sup>

Em outro trecho da narrativa, Genet reitera sua convicção da participação de Israel na ação como facilitadores na entrada dos soldados maronitas. Enumera as vantagens que Israel teria com a eliminação dos palestinos:

O que Israel ganhou em Shatila: a destruição de palestinos. Israel mata homens, mata cadáveres. Israel arrasa Shatila. (GENET, p.140)

A convicção de participação de Israel nesses massacres também trouxe descontentamento do seu governo que instaurou a Comissão Kahan, cujo relatório final responsabiliza o então Ministro da Defesa, Ariel Sharon, pela entrada da milícia ou não ter ordenado medidas que evitassem que tal tragédia acontecesse.

Todavia, nem Sharon nem o líder Elie Hobeika foram julgados pelo tribunal.

Outro ponto abordado por Genet nesse ensaio foi a ausência da intervenção estrangeira ao local. Segundo ele, americanos, franceses e italianos foram avisados para evacuar a área antes que o massacre começasse.

A narrativa desnuda as sensações que Genet teve ao permanecer em uma cidade totalmente destruída e sitiada pelos israelenses, com estradas bloqueadas, telefones mudos, totalmente sem nenhum contato com o mundo exterior, exceto pelas estações de rádio Radio-Amman, Rádio Libano, Rádio Jerusalém, Rádio Murabitoun, Rádio Kataeb.

O autor se coloca politicamente como pró-Palestina e questiona a máxima de que o povo judeu é o “Povo Escolhido”. Faz uma acusação feroz de que os judeus detêm um “poder abominável”. Embora não sofram mais as consequências do Holocausto, “não sejam os mais miseráveis da Terra”, infligem o sofrimento e o terror aos outros. Não querem recuperar o destino nômade, mas querem reconquistar a todo custo à posição de “povo ancestral”.

Ele convida o leitor a refletir sobre o papel do exército libanês em apagar qualquer vestígio que leve ao culpado da ação.

Sua narrativa ácida descreve as condições precárias em que aquelas pessoas viviam; becos e ruelas estreitas, repletos de sujeira, com um amontoado de blocos de cimento e tijolos.

Em muitas passagens do ensaio, Genet aborda o estado lastimável dos corpos em avançado estado de decomposição, a forma brutal em que foram torturados e mortos, ao som de música, danças, bebidas e sob a anuência dos soldados israelenses.

### **A voz do Tradutor**

O papel do tradutor na ambientação do leitor à obra foi de grande importância. Por ser uma obra sem tradução em língua portuguesa, ele lança mão tanto de sua versão do inglês quanto do francês, na tentativa de chegar próximo ao texto original. Aborda o processo tradutório que justifica a escolha por algumas informações que, sem dúvida, facilitarão a leitura de qualquer pessoa que se interesse pelo assunto ou queira conhecê-lo, visto que tal ação, assim como Genet e seu universo criativo, não é de domínio público.

Para alcançar esse ensejo, antes que o leitor tome contato com o ensaio propriamente dito, ele faz um recorte biográfico e da produção artística do autor sob a luz de Edmund White<sup>iii</sup>, além de montar uma cronologia que resume os fatos mais marcantes.

No final da obra, há um glossário de pessoas, povos e lugares que orientam a leitura e tira possíveis dúvidas sobre pontos históricos que envolvem a narrativa.

O papel do tradutor foi primordial para o entendimento do texto tanto do ponto de vista histórico quanto artístico de Genet.

A leitura dessa obra suscita a pesquisa e traz inquietação ao leitor, já que ele terá que sair de sua zona de conforto e se confrontar com um texto árduo, difícil que exige fôlego e determinação para chegar a seu final.

Recebido para publicação em 22-02-18; aceito em 16-03-18

---

<sup>i</sup> Falangismo: a mais brutal e poderosa milícia cristã da Guerra do Líbano.

<sup>ii</sup> <http://ivoaffonso.blogspot.com.br/2011/06/massacre-de-sabra-e-shatila.html>

<sup>iii</sup> Edmund White. *Genet, uma biografia*